

O mistério de Ulrike Meinhof – por Carlos Moreno



O filme alemão *Der Baader Meinhof Komplex* (O Complexo de Baader Meinhof) (2008), dirigido por Uli Edel, conta a história da RAF (Facção do Exército Vermelho), também conhecida pelos sobrenomes de seus carismáticos líderes, Andreas Baader e Ulrike Meinhof. Engajado na luta armada de 1968 a 1998, o grupo teve suas origens nos protestos anti-imperialistas e pró-maoístas que marcaram os anos 1960 no Ocidente. A guerra do Vietnã e a impressão de que estava se estabelecendo um estado policial na Alemanha Ocidental também estimularam a formação da facção, que anunciava ter como objetivo lutar contra a opressão e a injustiça. O filme, segundo a crítica internacional, forma uma trilogia sobre a história alemã no século XX com *A queda* (2004), dirigido por Oliver Hirschbiegel, e *A vida dos outros* (2006), escrito e dirigido por Florian Henckel von Donnersmarck. Com *A queda*, o filme de Edel partilha o roteirista e produtor Bernd Eichinger, já com *A vida dos outros*, *Der Baader Meinhof Komplex* divide a atriz principal, Martina Gedeck. Dos três filmes, *Der Baader Meinhof Komplex* teve a pior recepção pela crítica, com acusações, dentro e fora da Alemanha, de que glorificaria a causa terrorista.

A atuação de Martina Gedeck como Ulrike Meinhof, no entanto, foi elogiada pela maioria dos críticos. Meinhof era uma respeitada jornalista política e mãe de duas meninas ao se envolver com o grupo de Andreas Baader. Tornou-se líder da facção. O filme não é muito convincente na sua interpretação do que teria levado Meinhof a juntar-se à RAF, justamente ela, cujo trabalho jornalístico influente poderia ter provocado mudanças por meio de protesto legítimo.

Após se aproximar do bando de Baader, que nesse momento está preso, Meinhof organiza uma entrevista com ele em uma instituição de pesquisa para facilitar sua fuga. Durante a entrevista, membros armados da facção entram por uma janela, atiram em um funcionário e levam Baader. Meinhof assiste a tudo acuada em um canto da sala. Supostamente ela não sabia do plano de fuga. Poderia então retomar sua vida normal de jornalista e mãe. Entretanto, entre aterrorizada e fascinada, ela fica olhando a janela aberta por onde o bando de Baader saiu. Depois de uma breve hesitação, decide também atravessar a janela e se juntar à facção. Uma escolha aparentemente impulsiva, mas que

para ela vai representar um caminho sem volta. Daí em diante, violência crescente, perseguição, loucura e suicídio. Ulrike Meinhof será encontrada morta por enforcamento na cela de uma prisão.

Muitos críticos comentaram que é no mínimo estranho que uma mulher conhecida por sua sagacidade e senso de justiça como Ulrike Meinhof não tenha se dado conta a tempo de que na RAF suas boas intenções degeneravam em massacre fascista, exatamente do tipo que ela passou grande parte de sua carreira jornalística denunciando. Para mostrar o contraste de seu cotidiano na facção com seu estilo de vida anterior, o filme começa mostrando Meinhof, marido (Klaus Rainer Röhl, editor da revista radical *Konkret*) e filhas desfrutando férias de verão numa praia do Mar Báltico em 1967. Ela lê uma revista ilustrada, enquanto as crianças brincam: uma imagem de felicidade e prosperidade na bem sucedida Alemanha Ocidental.



O mistério em torno de Ulrike Meinhof levou a austríaca Elfriede Jelinek, prêmio Nobel de Literatura em 2004, a escrever a peça *Ulrike Maria Stuart*, em que a jornalista da RAF retoma a Mary Stuart de Friedrich Schiller, uma rainha em luta pelo poder discursivo. Na peça de Jelinek, Ulrike, ao duvidar sempre, personificaria o fracasso do engajamento intelectual com a história. *Ulrike Maria Stuart* examina o legado da esquerda da Alemanha Ocidental por meio da dinâmica do poder feminino. Na prisão, a Ulrike de Jelinek isola-se dos outros membros da facção e se entrega a reflexões obsessivas.

Stefan Aust, autor do livro homônimo que deu origem ao filme *Der Baader Meinhof Komplex*, trabalhou com a verdadeira Ulrike Meinhof e conheceu muitas das pessoas envolvidas na história. A direção de arte de Bernd Lepel e o figurino de Birgit Missal, em seu empenho de recriar a década de 1970, foram considerados pontos altos da obra dirigida por Uli Edel.